

Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística

Atena Editora

Atena Editora

LÍNGUA PORTUGUESA, LINGUAGEM E
LINGUÍSTICA

Atena Editora
2017

2017 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A864I

Atena Editora.

Língua portuguesa, linguagem e linguística / Atena Editora. –
Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2017.

2.377 kbytes

Formato: PDF

ISBN 978-85-93243-52-3

DOI 10.22533/at.ed.523170412

Inclui bibliografia

1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Título.

CDD-410

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

2017

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Atena Editora

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO I

A DIMENSÃO DISCURSIVA-ARGUMENTATIVA DAS REPETIÇÕES COMO ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS NO GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: UM OUTRO PENSAR SOBRE O TRABALHO COM TEXTOS

Aline Batista Rodrigues e Rosinélio Rodrigues da Trindade5

CAPÍTULO II

A LINGUAGEM ENTRE TUTOR-CURSISTA EM CURSO SEMIPRESENCIAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Alyson Bueno Francisco18

CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO MITO DE DON JUAN

Angeli Rose30

CAPÍTULO IV

AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS SOB UM NOVO OLHAR NA FORMAÇÃO ÉTICA E MORAL DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Francilva Costa de França.....56

CAPÍTULO V

CONVERSAÇÃO NA WEB: UM ESTUDO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM USO NO FACEBOOK

Elisiane Araújo dos Santos Frazão e Veraluce da Silva Lima.....67

CAPÍTULO VI

DRÁCULA DE BRAM STOKER: O PROTAGONISTA IMORTAL

Iliane Tecchio e Tairine Maia Silva.....81

CAPÍTULO VII

ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO

Eliana Pereira de Carvalho.....91

CAPÍTULO VIII

LEITURA, ESCRITA E CRITICIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ACADÊMICOS DO 6º PERÍODO DE LETRAS DA UEMA/CESJOP

Artemio Ferreira Gomes e Marcos Antônio Fernandes dos Santos.....104

CAPÍTULO IX

PRODUÇÃO ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO DAS TEORIAS LINGUÍSTICAS DE ABORDAGEM LEXICAL E APRENDIZAGEM BASEADA EM TAREFAS

Tiago da Costa Barros Macedo.....115

CAPÍTULO X

UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS

Paloma Veras Pereira e José Dino Costa Cavalcante.....129

Sobre os autores.....145

CAPÍTULO VII

ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO

Eliana Pereira de Carvalho

ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO

Eliana Pereira de Carvalho

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – PPGL/CAMEAM
Pau dos Ferros-RN

RESUMO: Entre os romances de Mia Couto, cuja tônica principal é a preocupação com Moçambique e seu povo, encontra-se *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, para o qual se voltou o presente trabalho. A obra em questão constrói, através da escrita, uma dupla temporalidade: uma Moçambique colonizada, às vésperas de uma independência, e uma Moçambique do presente, reflexo de um passado colonial e de um período de pós-guerras (guerra de independência e guerra civil). Este trabalho fez um recorte nesta dupla temporalidade, abordando apenas a primeira. A temporalidade moçambicana, rasgada pela fronteira que separa o colonial do nacional, em *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, revelou, por um lado, o discurso da empresa colonial e suas estratégias de dominação, através do racismo e do paradigma da cultura superior, impondo a assimilação, cujo resultado é a mímica; e, por outro, os efeitos da diáspora para a construção de um sujeito híbrido.

PALAVRAS-CHAVE: Mia Couto. Temporalidade. Colonização. Hibridização. Moçambique.

1. INTRODUÇÃO

António Emílio Leite Couto, cujo pseudônimo no meio literário é Mia Couto, é filho de uma família de emigrantes portugueses e nasceu na Beira, cidade capital da província de Sofala, em Moçambique. Ainda adolescente, mudou-se para Lourenço Marques, atual Maputo, também em Moçambique.

Biólogo e escritor, é um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal. Mundialmente, suas obras já foram traduzidas e publicadas em vinte e quatro países, com adaptações para o teatro e o cinema. Por alguns de seus livros e pelo conjunto de sua obra, já agraciou prêmios nacionais e internacionais. É o único escritor africano que, como sócio correspondente, eleito em 1998, é membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de n. 5, que tem por patrono Dom Francisco de Sousa.

O reconhecimento nacional e internacional desse escritor moçambicano, transformando sua escrita em leitura quase que obrigatória nos cursos, principalmente de letras, dentro das universidades brasileiras e portuguesas, assim como sua descendência portuguesa, atualmente vem provocando um deslocamento do parecer da crítica literária pós-colonial, favorecendo o deslizamento da escrita do autor das margens para o centro, ou seja, a inclusão

deste no denominado cânone literário; fato este que causa estremeamento na relação de sua escrita em paralelo com uma estética que se contrapõe ao cânone literário como a literatura africana, considerada 'literatura menor', na concepção exposta por Kafra e desenvolvida por Deleuze e Guattari, em Kafra: por uma literatura menor (1977).

Em Entrevista cedida ao Projeto Nação e Narrativa Pós-Colonial do CESA (Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento da Universidade de Lisboa), apoiado pela FCT - Angola e Moçambique - Entrevistas a Escritores, Mia Couto, questionado acerca de Moçambique como um projeto (ou não) de nação, ou ainda de várias nações, assim se pronuncia:

Eu acho que é um projecto. É um projecto, o que significa que há uma ideia de nação. Eu não sei se aquilo que existe realmente são nações. Porque isso pressupõe que sabemos todos que estamos a falar do mesmo conceito, mas o que existe provavelmente são sentimentos gregários, são ideias de identidade que povos diferentes em Moçambique têm e que definem provavelmente nacionalidades diferentes [...]. Até aos meados do século XIX, o que existia eram agregados dispersos de gente que se identificavam a si próprios como os Bilas, os Cossas, etc. E de repente, pela influência particularmente dos missionários, foi introduzida uma outra ideia de um certo critério de comunidade, até linguística. São coisas fabricadas recentemente. Portanto, eu não sei se o que temos são nações, que já possam ser referidas assim, com este peso, com este rigor, ou se temos identidades diferentes em desenvolvimento histórico diferente que constituem identidades que eu não sei se podem ser chamadas todas da mesma maneira. (LEITE et al, 2012, p. 161).

Aqui, Mia Couto problematiza a questão da recente ideia de nação para Moçambique, que, enquanto nação, requisita para si um tempo homogêneo e uno, em contraste com a realidade com a qual essa nação se confronta, tentando conciliar em seus espaços e tempos diversos um caldeirão de identidades, cuja marca do hibridismo se faz presente, em função, pressupomos, de três fatores primordiais: uma cultura nativa altamente complexa, no que concerne aos aspectos simbólicos e linguísticos; um passado colonial, que é vivenciado pelo duelo hierárquico e racial entre duas culturas; e, uma crescente introdução do global no local.

Moçambique é uma nação recém-independente. Sua independência acontece em 1975, mas, se levarmos em consideração a guerra civil que terminou em 1992, perceberemos que a ideia de nação se torna incompatível, tendo em vista a problemática política, econômica, social, e, principalmente identitária que o país apresenta. A colonização portuguesa e a utilização da mão-de-obra escrava na Europa e nas Américas advindas da África subsaariana contribuíram para o favorecimento da diáspora e para a constituição de uma cultura altamente híbrida não apenas em Moçambique, mas em todos os países ex-colônias de Portugal. Ademais, em conjunto com isso, devemos considerar a diversidade nativa existente nas origens destes países africanos.

A colonização trouxe consigo a imposição da cultura eurocêntrica e, especialmente, a obediência à língua do colonizador. Com a independência, veio a

necessidade do território se constituir como Estado-nação, requisitando para si uma língua única e símbolos culturais que unificassem a ideia de nação em torno da antiga colônia.

Em nações marcadas pelo jugo da colonização, como Moçambique, em que a cultura nativa foi intensamente suplantada em detrimento de uma cultura eurocêntrica, e onde a história dos nativos foi silenciada, mais do que isso, apagada, em favor de uma representação colonial de subserviência e reificação do sujeito colonizado, fez-se necessário um mecanismo de reconstrução desse sujeito como agente. Essa reconstrução, é claro, demanda uma autorrepresentação desse sujeito. Como a história, a narrativa oficial, delegou-se o direito e a função de arbitrariamente representá-lo, a via escolhida para essa reconstrução é a literatura, a narrativa ficcional, em especial o romance, pois, de acordo com Chaves (1999, p. 20-21):

Num mundo que a contaminação colonial povoou de colisões e desacertos, a literatura será uma das vias escolhidas para a formação de um mosaico capaz, ao menos, de sugerir alguma noção de unidade. Como um processo de auto-indagação, o seu exercício será um caminho para a construção da identidade de uma nação que mal começava a ser imaginada. E o romance, por suas características básicas, assegurará um vasto campo para a realização das tarefas que, em vários níveis, a atividade literária há de querer desempenhar.

Dessa forma, o gênero romance torna-se *conditio sine qua non* para se pensar e se problematizar a nação e, por conseguinte, a questão da identidade, em países como Moçambique, marcados pelos processos de colonização, descolonização e de neocolonização e cujo silêncio histórico produzido pelo ex-colonizador requisita a reescrita de uma história a partir da perspectiva do outro, o ex-colonizado. De acordo Bonnici (2005, p. 54):

Aplicando a teoria lacaniana ao pós-colonialismo, pode-se dizer que o **Outro** (com inicial maiúscula) se refere ao centro e ao discurso imperial, enquanto o **outro** (com inicial minúscula) adquire sua identidade de colonizado (1) através da dependência e (2) através do arcabouço ideológico pelo qual percebe o mundo. De fato, o colonizado é uma criação do império e, ao mesmo tempo, o sujeito degradado do discurso imperial. (grifos nossos).

Isso posto, pretendemos verificar aqui alguns aspectos do discurso pós-colonial no romance moçambicano, *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, de Mia Couto, vindo a público em 2008.

Venenos de Deus, remédios do Diabo [...] [é] uma trama desenrolada em meio ao nevoeiro que encobre o casario e as almas de Vila Cacimba, pequeno lugarejo capaz de abrigar tremendos enigmas. Bartolomeu Sozinho é um velho mecânico naval moçambicano da era colonial, agora aposentado. Vivendo num país já tornado independente de Portugal e saído de trinta anos de uma devastadora guerra civil, o velho está doente e muito certo de que vai morrer. Sidônio Rosa, o médico português que o atende em domicílio, faz o possível, porém, para inculcar-lhe esperança. Fraco como está, no coração de Bartolomeu se

agitam lembranças e desejos que lhe saem da boca sob forma de histórias emblemáticas da trajetória de todo um povo, na melhor tradição da cultura oral africana [...].

Em meio a essa neblina enganadora, move-se um perplexo Sidônio, que, em princípio, veio de Lisboa para curar Vila Cacimba de uma terrível epidemia. O médico, no entanto, traz impresso na carne seu verdadeiro móvel, a paixão pela desaparecida Deolinda, filha declarada de Bartolomeu e Munda, e pivô de uma fabulosa história de amores, falsidades e traições. (COUTO, 2008, orelha do livro).

Sidônio Rosa (rebatizado de Doutor Sidonho), Bartolomeu Sozinho (Bartolomeu Augusto Sozinho ou, ainda, Bartolomeu Tsotsi), Deolinda, Munda e Alfredo Suacelência (o administrador de Vila Cacimba); todos esses personagens de *Venenos de Deus, remédios do Diabo* desfilam na obra como representações culturais, como porta-vozes de uma cultura que se agoniza na conflituosa busca de uma identidade que, por ser híbrida e por se constituir também por intermédio da diáspora negra em decorrência do tráfico de escravos por sob o Atlântico, considera também o exercício duplo de lembrar e esquecer.

Vila Cacimba, morada escolhida por Bartolomeu Sozinho, é provavelmente Moçambique, é esta nação que se mostra, na contemporaneidade, imersa sob um nevoeiro cuja metáfora denota o temor de uma diluição da cultura nativa, bem como a busca de uma identidade em contraponto com as consequências das guerras sofridas e a necessidade de encontrar uma saída para a reconstrução do país.

Pela gama de considerações que podem emergir a partir da análise do discurso pós-colonial presente na obra em questão, necessário se faz que contenhamos nossa abordagem na verificação de uma das temporalidades da narrativa; a temporalidade que marca uma Moçambique ainda colonizada e às vésperas de uma independência. Nela, veremos, por um lado, o discurso da empresa colonial e suas estratégias de dominação, através do racismo e do paradigma da cultura superior, impondo a assimilação, cujo resultado é a mímica; e, por outro, os efeitos da diáspora para a construção de um sujeito híbrido.

2. À BORDO DO INFANTE D. HENRIQUE: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA.

“No ano de 1962, Bartolomeu Sozinho tinha vinte anos. Para ele, irremediável sonhador, aquele foi o ano do barco” (COUTO, 2008, p. 19). Em 1962, por uma conspiração do destino e da força do pensamento de nosso personagem, ele consegue se tornar ajudante de mecânico do transatlântico Infante D. Henrique, trabalhando para a Companhia Colonial de Navegação até o fim do regime colonial, em 1975. Ou seja, por cerca de 13 anos.

Se considerarmos que *Venenos de Deus, remédios do Diabo* foi publicada em 2008, veremos que existe uma coincidência entre o tempo real e o tempo ficcional, tendo em vista que Bartolomeu Sozinho nasce em 1942; entra na Companhia Colonial de Navegação em 1962; enfrenta o fim do regime colonial,

com a independência de Moçambique em 1975; vivencia o fim da guerra civil em 1992 e se arrasta, esperando ser abatido, até anos não declarados pelo narrador. Se vivo estivesse em 2008, tempo real de escrita do romance, como poderia estar, já que a narrativa, o tempo ficcional, não sinaliza seu fim, teria 66 anos.

O transatlântico Infante D. Henrique, ao iniciar em Portugal sua viagem inaugural na chamada rota ultramarina, pairava, um mês depois, em Porto Amélia (rebatizada de Pemba, logo após a independência de Moçambique), por falta de cais na cidade. Para Bartolomeu Sozinho, aquele navio “era uma criatura híbrida entre água e terra, entre peixe e ave, entre casa e ilha” (COUTO, 2008, p. 19). Naquela época, quando Moçambique ainda era colônia de Portugal, a um preto não era permitido pisar em um barco português, como sentenciava o irmão de Bartolomeu ante o entusiasmo deste em entrar no transatlântico: “— É escusado mano: você nunca pisará aquele barco. Pé de preto pisa canoa”. Bartolomeu rompe o paradigma e consegue prestar serviço no transatlântico:

Durante uma dezena de anos, Bartolomeu Sozinho servira como mecânico na casa das máquinas do transatlântico, atravessando mares no fundo de um porão tão escuro como o seu actual quarto. Tinha sido o único negro a fazer parte da tripulação e disso muito se orgulhava. Depois tudo terminou, o regime colonial se afundou, o navio encalhou, virou sucata e estava, um pouco como ele mesmo, à espera de ser abatido. (COUTO, 2008, p. 14).

Embora Bartolomeu consiga romper o paradigma se tornando o único negro a fazer parte da tripulação, sua condição no barco não difere muito da condição de muitos escravos em navios negreiros no trânsito do tráfico sob o Atlântico, já que, tanto em um, como em outro contexto, o espaço intensamente escuro do porão é o destinado ao negro.

Nessa dicotomia barco/canoa, verificamos a relação hierárquica entre colonizador/colonizado, que é reforçada pelo nome do transatlântico que carrega a alcunha de uma importante figura do início da era dos descobrimentos, o Infante D. Henrique.

A única forma de um negro entrar em um barco (navio) português era na condição de escravo, como lembra o avô de Bartolomeu, através da voz do narrador: “O avô corrigiu. Que ele se enganava. Milhares de negros tinham saído de suas vidas para entrar em navios de longo curso. Durante centenas de anos embarcaram para nunca mais voltar” (COUTO, 2008, p. 20). E o avô de Bartolomeu reforça: “— Não se esqueçam de que fomos escravos” (COUTO, 2008, p. 20).

Há aqui, na imagem do barco/navio, duas formas de diáspora negra em Moçambique: uma em decorrência do tráfico negreiro; e, outra, do contato cultural com o colonizador, gerando o desejo, ou melhor, a necessidade de assimilação. Conforme Bittencourt (2000, p. 3): “O pressuposto da ideologia colonial é que os indivíduos assimilados teriam se integrado de maneira total à cultura portuguesa, abandonando os vestígios de outras vertentes culturais”. Para o autor, “O estatuto do assimilado não admite a junção ou a interpenetração cultural que é a marca crioula” (BITTENCOURT, 2000, p. 3).

A primeira forma de diáspora negra foi resultante do deslocamento de milhões de escravos de seus lugares de origem, como Moçambique, em uma rota por sob o Atlântico em navios negreiros e que é revelada pelo avô de Bartolomeu Sozinho. Essa diáspora por sobre o mar significava uma morte simbólica e, às vezes também física, e a volta de um retorno redentor.

A segunda, deu-se em função da convivência, em solo moçambicano, de duas culturas diferentes, regidas pela concepção de uma raça superior, em detrimento de uma inferior, fruto do engendramento de um racismo científico.

Nos séculos XVIII e XIX, não havia dúvida quanto a hierarquização social que devia traçar uma linha de escala intelectual que começava com os brancos europeus, os indígenas abaixo dos brancos e os negros abaixo de todos os outros. Em *A Escala Unilinear das Raças Humanas e Seus Parentes Inferiores*, de Nott e Gliddon (1868), há comparações feitas em imagens com crânios de negros falsamente alargados para se parecerem com os de chimpanzés, enquanto os crânios dos brancos são considerados 'normais'. (WESOLOWSKI, 2014, s/p, grifos do autor).

Na convivência deste embate cultural entre africanos e portugueses, o racismo científico, juntamente com o engenhoso discurso de uma missão civilizadora — que cunhou e produziu o eurocentrismo e a denominada ideia de civilização — trataram de desqualificar o sujeito colonial, relegando-o à necessidade de assimilação, como recurso para banir o racismo que negava ao negro africano a prática de suas potencialidades, como ratifica o excerto:

O Administrador fazia pouco das suas glórias marítimas. Quando Bartolomeu desembarcava do Infante D. Henrique, as pessoas olhavam-no como um herói que vencera horizontes. Suacelência minimizava-lhe os feitos dizendo: 'Ora, esses colonos precisavam de um preto decorativo'. Não era por méritos próprios que o mecânico negro seguia no navio. Ele era tripulante apenas como instrumento de uma mentira: de que não havia racismo no império lusitano. (COUTO, 2008, p. 26).

Bartolomeu Sozinho se torna mecânico da casa de máquinas do transatlântico português e isso tem menos a ver com o reconhecimento de seus méritos para o serviço do que com a necessidade de negar o racismo existente, produto de um discurso potencializador de estereótipos que visam colocar o negro no lugar destinado a ele pela escala hierárquica do discurso do colonizador, ou seja, o de subalterno.

Para o colonizador português, era necessário assegurar sua supremacia, negando ao outro, o colonizado, a possibilidade de se constituir como sujeito autônomo e capaz. Segundo Bhabha (2010, p. 111): "O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução". Se, por um lado, o mito de uma raça superior justificava a inferioridade do sujeito colonizado; por outro, era necessário negar o racismo para que a manutenção do domínio ocorresse sem maiores esforços físicos, mantendo-se apenas no plano do discurso, lugar em que se mostrava mais

eficiente e controlador.

Para garantir a autoridade colonial, o colonizador almeja a assimilação do outro. No entanto, essa assimilação não possibilita um retorno completo da identidade cultural dominante. A assimilação consiste no apagamento da cultura nativa, considerada inferior, em prol da cultura dominante. Ela oferece ao assimilado a possibilidade de uma existência aparentemente pacífica, uma vez que o outro dominado nega a si mesmo nesse jogo violento de imposição cultural. Entretanto, essa assimilação nunca poderá ser plena. Ela sempre habitará a mímica que torna o sujeito o mesmo, mas com uma diferença significativa. A mímica colonial, de acordo com Bhabha (2010, p. 132):

[...] é o desejo de um Outro reformado, reconhecível, como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente. O que vale dizer que o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência para ser eficaz, a mímica deve produzir continuamente seu deslizamento, seu excesso, sua diferença.

Bartolomeu Sozinho é um mecânico reformado, ou seja, é aquele que, através das engrenagens políticas e sociais de uma cultura e das ferramentas que ela oferece, consegue se refazer por intermédio da mímica, porém, como acentua Bhabha, o discurso da mímica guarda sempre uma ‘ambivalência’, provando que a autoridade colonial não detém o controle total do outro reformado, no caso, Bartolomeu Sozinho. Este, diante da necessidade de assimilação, revela a mímica que comporta em si o ser híbrido da ambivalência colonial.

3. BARTOLOMEU SOZINHO: O SER HÍBRIDO DA AMBIVALÊNCIA COLONIAL.

O processo de hibridização de nosso personagem já se principia no nascimento. “Primeiro, foram os outros que lhe mudaram o nome, no baptismo. Depois, quando pôde voltar a ser ele mesmo, já tinha aprendido a ter vergonha do seu nome original. Ele se colonizara a si mesmo. E Tsotsi dera origem a Sozinho” (COUTO, 2008, p. 110). A entrada de Bartolomeu no contexto do híbrido, com a influência da colonização portuguesa e a necessidade de assimilação, responsável por modificar os significados e símbolos culturais de suas origens nativas, e, por conseguinte, desestabilizar sua concepção identitária enquanto ser africano, ganha contornos maiores, quando este embarca, ampliando seu processo diaspórico, a bordo do Infante D. Henrique.

Bartolomeu Sozinho se encanta pelo navio português: “Nunca tinha visto nada que o tivesse fascinado tanto. Aquela era uma criatura híbrida entre água e terra, entre peixe e ave, entre casa e ilha (COUTO, 2008, p. 19-20). Ele e o navio eram iguais, simbolizavam a mutação, o híbrido: “Essa força parcial e dupla [...] que perturba a visibilidade da presença colonial e torna problemática o reconhecimento de sua autoridade” (BHABHA, 2010, p. 162). O híbrido é a comprovação de que a autoridade colonial é abalada e produz seus deslizamentos, uma vez que esta cria

identidades discriminatórias através da diferença produzida no interior do processo de dominação. O hibridismo é parcial por não reproduzir a estratégia de dominação colonial por completo e a contento; e, duplo por reproduzir algo que é diferente, algo que é um outro reformado, tal qual Bartolomeu Sozinho.

Nosso personagem, no período em que é empregado da Companhia Colonial de Navegação, está fincado em uma Moçambique (Porto Amélia, antes da independência) colonizada ainda e há nele um impulso para a hibridização devido a colonização e que será acentuado por sua estada no navio, o transatlântico Infante D. Henrique. Os anos que o personagem passará viajando neste navio, movendo-se entre culturas e entre lugares e espaços diversos, transformará Bartolomeu Sozinho. “— Foram sete viagens...”, a bordo do navio, dizia ele a Sidônio Rosa; viagens que se estenderam até o fim do regime colonial.

O navio traz para dentro da narrativa de Mia Couto, Venenos de Deus, remédios do Diabo, a abordagem da diáspora que, segundo Gilroy (2012, p. 18), contrapondo-se “à metafísica da ‘raça’, da nação e de uma cultura territorial fechada”, oferece a possibilidade de se reconceitualizar a cultura a partir do sentimento de desterritorialização que acompanha a diáspora. De acordo com Walter (2009, p. 51):

O termo que melhor descreva este Dasein dinâmico — a desterritorialização — é um conceito ambivalente: é um duplo signo de perda e sofrimento, assim como de potencialização que aloja a reterritorialização, ou seja, a capacidade de transformação enquanto oportunidade de escolher novas posições de sujeito e formas de vida.

Dessa forma, a abordagem da diáspora contempla esse duplo, desterritorialização e reterritorialização, que revela a dinâmica do sujeito africano, a capacidade de se recriar dentro de uma conjuntura de exílio e desapropriação do ser. O navio, no início da diáspora negra, e especialmente após, tem um papel preponderante, como lembra Gilroy (2012, p. 60):

Deve-se enfatizar que os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam. Conseqüentemente, precisam ser pensados como unidades culturais e políticas em lugar de incorporações abstratas do comércio triangular. Eles eram algo mais — um meio para conduzir a dissensão política e, talvez, um modo de produção cultural distinto.

Em outras palavras, os navios ultrapassam a noção física de instrumento marítimo de viagem por sob rotas pelo Atlântico para abarcar dimensões maiores que contemplam o entrecruzamento de culturas e também a possibilidade desse entrecruzamento, bem como a reconceitualização dessas culturas em uma outra, produto dessa hibridização.

Bartolomeu Sozinho considera o transatlântico Infante D. Henrique “uma criatura híbrida” (COUTO, 2008, p. 19) e, por conseguinte, ele mesmo se torna um híbrido em função de seu contato com esse mundo, onde a ligação entre a terra e o

mar proporciona uma visão traduzida das culturas ditas tradicionais. De acordo com Gilroy:

[...] esta abordagem cosmopolita nos leva necessariamente não só a terra, onde encontramos o solo especial no qual se diz que as culturas nacionais têm suas raízes, mas ao mar e à vida marítima, que se movimenta e que cruza o oceano Atlântico, fazendo surgir culturas planetárias mais fluidas e menos fixas.

A contaminação líquida do mar envolveu tanto mistura quanto movimento (GILROY, 2012, p. 15).

Para Gilroy, o entendimento da identidade cultural do sujeito africano e/ou afrodescendente a partir da abordagem da diáspora concebe a esse sujeito um olhar diferenciado que não se concentra nem no essencialismo da cultura nativa e nem no da cultura imposta, mas na tradução que, conforme Bhabha (2010, p. 313), “é a natureza performativa da comunicação cultural”. É na tradução que encontramos a disposição de um novo tempo, o tempo da resignificação dos símbolos e signos culturais das identidades envolvidas na construção de um novo ser, o híbrido.

Bartolomeu Sozinho, em um ir e vir entre espaços moventes e fixos da cultura, desestabilizando a metáfora do ‘preto decorativo’ do Infante D. Henrique, transforma-se no já aposentado mecânico reformado de Vila Cacimba; um sujeito traduzido capaz de transpor os limites fronteiriços de sua cultura para negociar com o Outro um novo espaço, onde (con)viver implique a anulação da superioridade racial em detrimento de uma nova abordagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada personagem, dentro da narrativa de Venenos de Deus, remédios do Diabo, de Mia Couto, desloca-se de sua representação individual, enquanto personagem para se transformar em metáforas, representações maiores de uma recente nação que concentra, em sua busca identitária, vários tempos e espaços. Nosso artigo, acompanhando o percurso diaspórico de Bartolomeu Sozinho, em uma perspectiva pós-colonial, procurou analisar, dentre as temporalidades presentes na narrativa, aquela que marca uma Moçambique ainda colonizada e às vésperas de uma independência.

As temporalidades de Moçambique, presentes na narrativa acima citada, de Mia Couto, revela-nos dois períodos, o colonial e o nacional, e cuja linha divisória é marcada por duas guerras (a de lutas pela independência e a guerra civil). A dualidade que marca o passado moçambicano revela um território que se mostra, inicialmente, através de Vila Cacimba, envolta em um espesso nevoeiro que impossibilita o desvendamento dos aspectos identitários da nação que, no presente, se apresenta.

Para tentar dissipar as nuvens densas dessa vila, que é Moçambique, foi preciso visitar os lugares sombrios do passado colonial a procura de explicações

e soluções para a problemática da nação moçambicana, que sofre de uma terrível epidemia; foi preciso revisitar a temporalidade da colônia portuguesa, revelando, por um lado, o discurso da empresa colonial e suas estratégias de dominação do poder, através do racismo e do paradigma da cultura superior, impondo a assimilação; e, por outro, os efeitos da diáspora para a construção de um sujeito híbrido.

O passado colonial trouxe consigo o conceito fechado de diáspora que se apoia em uma concepção binária de diferença (HALL, 2009, p. 32). Bartolomeu Sozinho, tal qual o transatlântico no qual trabalha e é mecânico, viaja nos espaços fronteiriços da cultura, procurando ressignificar essa diáspora transformando-a, em “um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento” (GILROY, 2012, p. 18) e possibilita a reconstituição do sujeito pós-colonial.

Nossa personagem, a bordo do Infante D. Henrique e em constantes viagens e contatos culturais, desequilibra a noção fixa de identidade cultural, pois, ao tentar assimilar, percebe que o jogo mimético de reprodução da identidade do Outro é falho, revelando, com isso, uma ruptura na autoridade colonial que, por sua vez, busca na construção de estereótipos a saída para reverter a autoridade ameaçada.

Bartolomeu Sozinho, como negro africano em uma época colonial e escravocrata, tem consciência de seu lugar na escala hierárquica das relações raciais, mas procura vencer os estereótipos, mostrando as falhas do discurso colonial através da mímica. A mímica constitui-se na revelação de um ser híbrido que abriga o duplo, a ambivalência. Assim, Bartolomeu Sozinho passa de preto decorativo do Infante D. Henrique a mecânico reformado, revelando suas potencialidades como sujeito.

Ele não se exime do contato cultural e da luta em reverter (pre)conceitos e, dessa forma, de sujeito reificado da tradição cultural dominante, ele passa a sujeito traduzido, capaz de transpor os limites fronteiriços de sua cultura para negociar com o Outro um novo espaço de convivência possível, um espaço intermediário onde o essencialismo não possa ter vez.

A narrativa de Mia Couto não se concentra na história de Bartolomeu Sozinho durante o período colonial. Tudo o que sabemos sobre esse período nos é relatado ou pela memória deste ou pela voz de um narrador que se mostra afinado com as emoções e ações desse personagem.

No transcurso da narrativa, percebemos que Bartolomeu Sozinho, já velho e aposentado, solitário e isolado em sua casa, é capaz de nos mostrar que a sua permanência nos espaços fronteiriços reestruturou seu modo de ver o mundo. Tal visão, será capaz de conduzi-lo, de forma performática, na comunicação cultural com Sidônio Rosa, ou Doutor Sidonho, o elemento português da narrativa.

Mia Couto, em *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, mostra a ambivalência do sujeito pós-colonial a partir do título da obra, através de um jogo de palavras dicotômicas, venenos x remédios, deus x diabo e até no próprio conflito de pares tão contraditórios como a oposição de venenos e deus, juntamente com remédios e diabo. Essa ambivalência, nas tramas da narrativa, mostra esse jogo de consensos

e conflitos que acompanham o espaço fronteiro da hibridização.

Como dissemos, no início deste trabalho, a escolha de uma interpretação para a análise da obra não consegue minar o arcabouço conceitual que ela concentra. Muito ficou por ser dito, como não poderia deixar de ser. No entanto, esperamos que o exposto aqui tenha suscitado pelo menos o gosto pela leitura de *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, do escritor moçambicano Mia Couto e o seu reconhecimento como escritor de uma literatura pós-colonial que procura reescrever sua história a partir do espaço que lhe foi permitido falar, a literatura africana.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. do inglês por Myriam Ávila et al. 4. Reimp. Coleção Humanitas. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BITTENCOURT, Marcelo. A resposta dos “crioulos luandenses” ao intensificar do processo colonial em finais do século XIX. In: **África e a instalação do sistema colonial (c. 1885-c.1930)**: Actas da III reunião internacional de História da África (1999). Lisboa, IICT/Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 2000. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/A-resposta-dos-crioulos-luandenses-ao-intensificar-do-processo-colonial-em-finais-do-sec.-XIX.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chaves da teoria pós-colonial**. Coleção Fundamentum n. 12. Maringá: Eduem, 2005.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**: entre intenções e gestos. Coleção Via Atlântica, n. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

COUTO, Mia. **Venenos de Deus, remédios do Diabo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafra**: por uma literatura menor. Tradução do francês por Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: IMAGO, 1977.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução do inglês por Cid Knipel Moreira. São Paulo: 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução do inglês por Adelaine La Guardia Resende et al. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LEITE, Ana Mafalda et al (Orgs.). **Nação e narrativa pós-colonial II: Angola e Moçambique**. Entrevistas. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

WALTER, Roland. Transferências interculturais: notas sobre transcultura, diáspora e encruzilhada cultural. In: WALTER, Roland. **Afro-américa: diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Recife: Bagaço, 2009.

WESOLOWSKI, Patrick. **O racismo científico: a falsa medida do homem**. GELEDÉS: Instituto da Mulher Negra. São Paulo, ag. 2014. Seção Questão racial: casos de racismo. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/o-racismo-cientifico-falsa-medida-homem/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

ABSTRACT: Among the novels of Mia Couto whose main focus is the concern with Mozambique and its people, there are “Venenos de Deus, Remédios do Diabo”, the main focuses of this paper. The piece constructs, through writing, a double temporality: a colonized Mozambique, on the eve of independence, and a Mozambique of the present, reflecting a colonial past and a postwar period (war of independence and civil war). This research centers in this dual temporality, addressing only the first. The Mozambican temporality, torn by the frontier that separates the colonial from the national, in “Venenos de Deus, Remédios do Diabo”, revealed on one hand the discourse of colonial enterprise and its strategies of domination through racism and the paradigm of higher culture, imposing assimilation, which results in mimicry; and, on the other hand, the effects of diaspora for the construction of a hybrid subject.

KEYWORDS: Mia Couto. Temporality. Colonization. Hybridization. Mozambique.

Sobre os autores

Allyne Marie Molina Moreira Graduada em Direito pela Universidade de Fortaleza; Mestranda em Direito no Centro Universitário 7 de Setembro.

Ana Paula de Moraes Campos Teixeira Coordenadora e Professora da Faculdade de Administração do Instituto Cuiabá de Ensino e Cultura (ICEC) e Instituto de Ensino Superior de Mato Grosso (IESMT). Graduada em Administração Com Habilitação em Comercio Exterior. Mestrado em Administração e Liderança. Mestranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária. Pós-Graduada Gestão em Negócio. paulacampos.adm@hotmail.com

Angeli Rose do Nascimento Pós-doutoranda em Educação (PPGE/UFRJ) com investigação sobre Literatura digital, currículo e formação de professores; tutora em EAD, cursos de Pedagogia (UNIRIO/CEDERJ), principalmente, nas disciplinas LITERATURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR; PORTUGUÊS INSTRUMENTAL; AVALIAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO; e ORIENTADORA DE TCCs; Doutora em Letras; Mestra em Educação, PUC-Rio, com pesquisa principal em formação de leitores(jovens) na contemporaneidade; especialista em literatura brasileira e jornalismo cultural, UERJ; graduada em Letras(UERJ).Além disso, possuo formação em terapeuta social, psicologia transpessoal (CIT/UNIPAZ-RJ) e de facilitadora holística (UNIPAZ-RJ)em Educação para a Paz. Professora convidada para diversas bancas examinadoras; parecerista de diversos periódicos acadêmicos (*ad hoc*) e e-books de instituições privadas de ES no Brasil; integra os grupos de pesquisa como colaboradora GEPEAD e NEPAA, ambos da UNIRIO. Contista e poeta, além de contadora de histórias. Autora de 2 e-books pela ATENA EDITORA, 2017, sobre formação de leitores na contemporaneidade e jornalismo cultural; e de um infanto-juvenil pela editora CIDAELA: BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA DE UMA MULHER PANCADA,2017. Premiada com certificação de Comendadora do PREMIO SOCIAL DE EXCELÊNCIA E QUALIDADE em EDUCAÇÃO DA BRASLÍDER,2017, SP. Secretária adjunta da ADOPEAD-RJ/Ssind-ANDES, eleita p/biênio 2017-2019. 23capitu33@gmail.com

Artur Angelo Ramos Lamenha É doutorando em Administração de empresas y Comércio Internacional pela UNEX (2013); Mestre em Gestão Pública (2010), especialista em Psicologia Organizacional (2015); especialista em Economia (2012); especialista em Contabilidade e Controladoria (1998) e graduado em Ciências Contábeis (1995). Atualmente é Professor da UFAL (FEAC) nos cursos de graduação em ciências contábeis e administração, e do Centro de Estudos Superiores de Maceió - CESMAC nos cursos de especialização das áreas de Administração, Administração Pública e Ciências Contábeis. Tem trabalhos publicados em livros e artigos científicos publicados pela Revista Olhares Plurais. Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade por participação no 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade. É componente da Academia Alagoana de Contabilidade empossado na cátedra 21, E-mail: artur.lamenha@gmail.com.

Benedito Albuquerque da Silva Professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis – FAC – Departamento de Ciências Contábeis. Graduado em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário de Várzea Grande-UNIVAG; Mestre em Ciências Contábeis e Atuariais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP;Doutor em Contabilidade pela Universidade Nacional de Rosário – Argentina; Doutorando em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária pela Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande – MS. E-mail para contato: ba.silva@terra.com.br

Bradlei Ricardo Moretti Professor da Universidade Regional de Blumenau Auditor Independente. Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau - FURB; Mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau – FURB E-mail: morettibrm@hotmail.com

Carlos Alberto Oliveira Brito Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana; Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Bahia; Especialização em Consultoria Industrial pela SUDENE/UFPA; Mestrado em Contabilidade pela Faculdade Visconde de Cairu. E-mail para contato: caobrito@uol.com.br

Caroline do Carmo Adorno Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Feira de Santana; E-mail para contato: adornocaroline@gmail.com

César Medeiros Cupertino, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, Santa Catarina. Possui graduação em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1992), mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília (2003), mestrado em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005), doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010), doutorado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós-doutorado em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professor em cursos de graduação e pós-graduação, tendo atuado em diversas instituições de ensino de Santa Catarina, entre elas: UFSC, UDESC/ESAG, SOCIESC/FGV, SENAC/SC e UNIVALI. Entre as disciplinas lecionadas destacam-se as seguintes: Administração Financeira, Mercado de Capitais, Matemática Financeira, Métodos Matemáticos e Estatísticos, Contabilidade de Custos, Auditoria Contábil e Perícia Contábil. É palestrante convidado de eventos científicos e de formação profissional, como o Curso de Formação de Peritos em Contabilidade da Polícia Federal. Possui artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, com ênfase em accrual anomaly, earnings quality, earnings management, valuation, sonegação fiscal, auditoria e perícia contábil

Denis Dall’Asta Graduado em Ciências Contábeis pela Fundação de Ciências e Letras de Cascavel (1984), Especialista em Contabilidade Gerencial pela Universidade Estadual de Maringá (1991) e Auditoria pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1993), Mestre (2000) e Doutor (2006) em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Mestrado em

Contabilidade e Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Membro do Conselho Editorial da Revista Ciências Sociais em Perspectiva. Líder do Grupo de Pesquisa em Contabilidade e Finanças. E-mail: denis.asta@unioeste.br

Diego Messias Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE (2009); Especialista em Controle da Gestão Pública pela Universidade Federal da Santa Catarina (2016) e especialista em Contabilidade Pública e Responsabilidade Fiscal pelo Centro Universitário Internacional (2012); Mestre em Contabilidade pela UNIOESTE. Participante do Grupo de Pesquisa em Contabilidade Financeira e Finanças do Mestrado em Contabilidade (UNIOESTE). E-mail: diegomessias.1986@gmail.com

Gabriel Ramos Lamenha É bacharel em ciências contábeis pela SEUNE, com trabalhos acadêmicos publicados pela Revista Olhares Plurais. Tem experiência com escrituração fiscal e trabalhista, relatórios gerenciais e análise das demonstrações financeiras. Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade por participação no 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade, E-mail: lamenha20@hotmail.com.

Herivelton Antônio Schuster Professor da Universidade da Região de Chapecó - Unochapecó, Faculdade Mater Dei e Instituto Federal do Paraná – IFPR. Graduação em Ciências Contábeis pela Faculdade Mater Dei; Mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: herivelton_schuster@hotmail.com

Ivone Junges (Economista, Doutora em Engenharia de Produção e Sistemas/UFSC, Professora no Curso de Administração/UNISUL – E-mail: ivone.junges@unisul.br)

Jeanne Marguerite Molina Moreira Professor da Universidade Federal do Ceará; Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Graduada em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Mestre em Controladoria pela Universidade de São Paulo (USP); E-mail para contato: jeannemoreira@hotmail.com

Jerry Adriani Johann Graduado em Engenharia Agrícola pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1997); Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela UFPR - Universidade Federal do Paraná (1998); Mestre em Engenharia Agrícola pela UNIOESTE (2001) Doutorado em Engenharia Agrícola pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (2011). Atua na graduação em Engenharia Agrícola e na pós-graduação no mestrado/doutorado em Engenharia Agrícola e no mestrado em Administração e Contabilidade. Vice-líder do grupo de pesquisa de Geoestatística Aplicada (GGEA) (1998-Atual) e Grupo de Pesquisa de Otimização de Sistemas Agroindustriais do Oeste do Paraná (GROSAP) da

UNIOESTE (1997-Atual), e Grupo de Estudos em Geoprocessamento (GEO) da UNICAMP/SP (2000-Atual). E-mail: jerry.johann@hotmail.com

João Vinicius Santos Correia de Melo É pós graduando em Administração e Contabilidade Pública pela IPOG (2016); Possui graduação em Ciências Contábeis pela Seune (2015). Contém Artigo completo publicado na revista Olhares Plurais; Tem resumos publicados em anais de congressos e fez apresentações de trabalhos em simpósios e congressos, Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade de Alagoas pela aprovação do Comitê Científico do 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade dos dois trabalhos de sua autoria. Atualmente é diretor administrativo e contador da Torquato & Melo Assessoria Contábil e Empresarial e é Controlador Geral da Prefeitura Municipal de Anadia. E-mail: jvscm93@hotmail.com

Keizi Sacon Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Chapecó, Santa Catarina.

Leidyane Kássia Brandão Carneiro Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Ceará (UFC); E-mail para contato: leidyane_kassia_@hotmail.com

Luiz Ivan dos Santos Silva Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Faculdade Anísio Teixeira; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade Gerencial *lato sensu* da Universidade Estadual de Feira de Santana; Graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal da Bahia; Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialização em Gestão Empresarial pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialização em Gestão Pública e Planejamento de Projetos pela Faculdade Batista Brasileira; Mestrado em Contabilidade pela Faculdade Visconde de Cairu. E-mail para contato: prof.luizivan@hotmail.com

Mateus Prestes Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Chapecó, Santa Catarina.

Maria Luciana de Melo É Pós-Graduada em Contabilidade e Direito Tributário pela IPOG (Instituto de Pós-Graduação e Graduação), bacharela em Ciências Contábeis pela SEUNE (Sociedade de Ensino Universitário do Nordeste), com trabalhos acadêmicos publicados pela Revista Olhares Plurais. Atua como Gerente Financeiro. Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade por participação no 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade. E-mail: malumelo87@gmail.com

Maressa Nadir Fonseca Possui graduação em Direito pela Universidade de Cuiabá (2014) e graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Mato Grosso (2014). Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito

trabalhista; e na área de Contabilidade, com ênfase em Consultoria de micro e pequenas empresas.

Michel Angelo Constantino de Oliveira Professor nos Programas de Doutorado e Mestrado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária e em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. Graduado em Administração. Mestre em Desenvolvimento Local. Doutor em Economia pela Universidade Católica de Brasília. Pesquisador da área de Políticas Públicas Agroambientais, Economia Comportamental, Economia Regional e Econometria (Métodos Quantitativos). Pesquisador visitante do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – IPEA-Brasília/DF. Editor associado da *Economic Analysis of Law Review*. É Vice-líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP/CNPq: Desenvolvimento, meio-ambiente e sustentabilidade, envolvendo pesquisadores nacionais e internacionais. No grupo de pesquisa destaca-se entre outros, o tema: Caracterização, variabilidade e diversidade genética em populações arbóreas com finalidades madeiráveis e, especialmente não madeiráveis, incluindo-se medicinais com utilização em saúde. Cientista de dados.

Nidia Martineia Guerra Gomes Professora do Instituto Cuiabá de Ensino e Cultura (ICEC) e do Instituto de Ensino Superior de Mato Grosso (IESMT) nos cursos de administração, ciências contábeis e direito. Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Maringá – PR. Especialista em Economia Agroindustrial pela Universidade Federal de Mato Grosso – MT. Mestre em Agricultura Tropical pela Universidade Federal de Mato Grosso – MT. Doutoranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária pela Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande – MS. E-mail para contato: nidiaguerra2@gmail.com

Ozeni Souza de Oliveira Graduação em Ciências Biológicas. Pós-graduação em Ciências e Biotecnologia de Alimentos. Mestre em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária

Reginaldo Brito da Costa Professor titular da Universidade Católica Dom Bosco. Graduado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Ciências Florestais pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Doutor em Ciências Florestais pela Universidade Federal do Paraná. Revisor dos periódicos científicos *Bragantia*, *Crop Breeding and Applied Biotechnology*, *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, *Ciência Rural*, *Scientia Forestalis*, *Ciência Florestal*, *Interações*, *Multitemas*. É líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP/CNPq: Desenvolvimento, meio-ambiente e sustentabilidade, envolvendo pesquisadores nacionais e internacionais. No grupo de pesquisa destaca-se entre outros, o tema: Caracterização, variabilidade e diversidade genética em populações arbóreas com finalidades madeiráveis e, especialmente não madeiráveis, incluindo-se medicinais com utilização em saúde. Membro titular do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), Campo Grande, MS.

Reinaldo de Almeida Coelho, Universidade do Estado de Santa Catarina-UEDESC, Florianópolis, Santa Catarina. Possui graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), mestrado em Industrial and Systems Engineering - Virginia Polytechnic Institute and State University (2002), mestrado em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006) e Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Atualmente é gerente regional - Fundo Criatec - BNDES e professor universitário da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Finanças, atuando principalmente nos seguintes temas: alocação de recursos, políticas públicas, desenvolvimento econômico, finanças corporativas e mercado de capitais.

René Becker Almeida Carmo Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade Gerencial *lato sensu* da Universidade Estadual de Feira de Santana; Graduação em Ciências Econômicas pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia; Especialização em Consultoria Industrial pela SUDENE/UFPB; Mestrado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Bahia; Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail para contato: rene@uefs.br

Roberto Carlos Klann Professor da Universidade Regional de Blumenau. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Regional de Blumenau - FURB; Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau - FURB; Mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau - FURB; Doutorado em Ciências Contábeis e Administração pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. E-mail: rklann@furb.br

Roberto Francisco de Souza Graduado em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena - AJES (2009). Especialização em Contabilidade Gerencial e Controladoria em andamento pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Contabilidade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), participante do Grupo de Pesquisa em Contabilidade Gerencial e Controle em Organizações do Mestrado em Contabilidade (UNIOESTE). E-mail: robertofsouzajr@gmail.com

Rodney Wernke Contador, Doutor em Engenharia de Produção e Sistemas/UFSC, Professor no Curso de Administração/UNISUL e Professor no PPG em Ciências Contábeis e Administração/UNOCHAPECÓ - E-mail: rodney.wernke@unisul.br

Rosane Aparecida Kulevicz Professora na UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso - FAC - Faculdade de Administração e Contábeis do departamento Ciências Contábeis Desde agosto de 1992 - até o momento. Graduada na - Universidade Federal de Mato Grosso em Bacharelado em Ciências Contábeis, 1988 - 1991; Especialista em Administração, pela Universidade de Tiradentes - RJ,

Especialização em administração, 1994 – 1996; MBA em gestão Empresarial, pela Fundação Getúlio Vargas – RJ em Master of Business Administration (MBA), Economia e Gestão Empresarial, 1999 – 2001; Mestra em Ciências Contábeis e Atuariais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP em Ciências Financeiras e Contábeis e Atuariais, 1999 – 2002. Doutorando em CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SUSTENTABILIDADE AGROPECUÁRIA. Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande, MS; e-mail para contato: rosaneakulevicz@gmail.com

Sady Mazzioni Doutor em Ciências Contábeis e Administração pela FURB; Professor do Programa de Mestrado Ciências Contábeis e Administração da Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Professor do Curso de Ciências Contábeis da Unochapecó. Chapecó, Santa Catarina.

Sandro Aparecido Lima dos Santos Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá. Graduado em Ciências Sociais pela UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus Marília. Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: sandroal.santos@gmail.com

Selma Alves Dios Professor da Universidade Federal Fluminense. Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Ciências Contábeis pela fundação Getúlio Vargas. Doutorado em Contabilidade e finanças pela Universidad de Zaragoza, Espanha

Sérgio Murilo Petri Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC; Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Contabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Professor do Curso de Ciências Contábeis da UFSC. Florianópolis, Santa Catarina.

Silvana Dalmutt Kruger Doutoranda em Contabilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestra em Contabilidade e Professora do Curso de Ciências Contábeis da Unochapecó; Chapecó, Santa Catarina.

Sílvio Parodi Oliveira Camilo Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC, Criciúma, Santa Catarina. Pós-doutorado em Ciências Contábeis-PPGC-UFSC. Doutorado em Administração e Turismo pela Universidade do Vale do Itajaí. Mestrado em Administração e Negócios, com ênfase em estratégia empresarial (PUC/RS). Pós-graduação em Finanças das Empresas, em nível de especialização (UFRGS). Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Porto Alegre de Ciências Contábeis e Administração. Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduação em Ciências Econômicas (UNISUL). Estudante de Filosofia (UNISUL). Líder do Grupo de Pesquisa Estratégia e Competitividade -GECOMD (UNESC); e membro do GP Estudos em Estratégia e Performance- GEEP (UNIVALI/SC). Professor de Pós-graduação do Mestrado em

Desenvolvimento Socioeconômico - PPGDS (UNESC). Tem interesse em pesquisa nos seguintes temas: Finanças, Estratégia, Governança Corporativa, Determinantes da Inovação e Procedimentos Metodológicos de Pesquisa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) nas áreas temáticas de Estratégia, Finanças e Contabilidade

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-52-3



9 788593 243523